



1ª Fase - 2º Exame de Qualificação
20/08/2000

INSTRUÇÕES

Neste caderno você encontrará um conjunto de 48 (quarenta e oito) páginas numeradas seqüencialmente, contendo 80 (oitenta) questões das seguintes áreas: **Linguagens, Códigos e suas Tecnologias; Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias; Ciências Humanas e suas Tecnologias**. A tabela periódica encontra-se na página 47.

Não abra o caderno antes de receber autorização.

1. Verifique se o seu nome, número de inscrição, número do documento de identidade e língua estrangeira escolhida estão corretos no cartão de respostas. **Se houver erro, notifique o fiscal.**
Assine o cartão de respostas com caneta.

2. Ao receber autorização para abrir este caderno, verifique se a impressão, a paginação e a numeração das questões estão corretas. **Caso ocorra qualquer erro, notifique o fiscal.**

3. As questões de **números 25 a 28 da área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias** deverão ser respondidas de acordo com a sua opção de Língua Estrangeira: **Espanhol, Francês ou Inglês.**

4. Leia atentamente cada questão e escolha a alternativa que mais adequadamente responde a cada uma delas. Marque sua resposta no **cartão de respostas**, cobrindo fortemente o espaço correspondente à letra a ser assinalada; utilize caneta preta, preferencialmente, ou lápis preto nº 2, conforme o exemplo abaixo:

1 ● (B) (C) (D)

5. A leitora de marcas **não registrará** as respostas em que houver **falta de nitidez e/ou marcação de mais de uma letra**.

6. O cartão de respostas não pode ser dobrado, amassado, rasurado ou manchado. Exceto sua assinatura, nada deve ser escrito ou registrado fora dos locais destinados às respostas.

7. Você dispõe de **5 (cinco)** horas para fazer esta prova.

8. Ao terminar a prova, entregue ao fiscal o **cartão de respostas e este caderno**.

BOA PROVA!



Com base na foto abaixo, responda às questões de números **01** e **02**.

O fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado fez esta foto num campo de refugiados instalados em equipamentos ferroviários na fronteira da Croácia com a Sérvia e a Bósnia, em 1994.

Assim como textos, fotografias podem ser lidas: o menino que aparece no primeiro plano funciona como o tema da foto, enquanto o trem no segundo plano comenta este tema.



(SALGADO, Sebastião. *Êxodos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.)

Questão 01

A escolha da figura humana no primeiro plano busca provocar no espectador a seguinte atitude:

- (A) questionar a opção pelo tema
- (B) admirar a composição com o fundo
- (C) surpreender-se com o gesto do menino
- (D) refletir sobre o desamparo da criança

Questão 02

O fotógrafo, ao enquadrar o trem parado ao fundo, onde os refugiados se encontravam instalados, ressalta o contraste entre:

- (A) o metal e a terra
- (B) o real e o imaginário
- (C) o progresso e a guerra
- (D) a infância e o mundo adulto

Questão 03

“Vestibular UERJ 2001. Construindo o cidadão do futuro.”

No enunciado acima, extraído de um folheto de divulgação deste Vestibular, o vocábulo *futuro* classifica-se gramaticalmente como substantivo. Se, entretanto, houvesse alteração para “Construindo o cidadão *futuro*”, a mesma palavra seria um adjetivo.

Casos como esse permitem considerar substantivos e adjetivos como nomes, que se diferenciam, sobretudo, pelas respectivas características a seguir:

- (A) invariabilidade mórfica – variabilidade em gênero e número
- (B) designação de seres e conceitos – expressão de um fenômeno
- (C) termo gerador de nomes derivados – resultado de uma derivação
- (D) papel sintático de termo núcleo – papel sintático de modificador de outro nome

Questão 04

Flexão é o processo de fazer variar um vocábulo, em sua estrutura interna, para nele expressar dadas categorias gramaticais como gênero e número.

A partir desse conceito, a palavra sublinhada que admite flexão de gênero é:

- (A) “Fez-se de triste o que se fez amante” (Vinícius de Moraes)
- (B) “Paisagens da minha terra,/ Onde o rouxinol não canta.” (Manuel Bandeira)
- (C) “Sou um homem comum/ de carne e de memória/ de osso e de esquecimento” (Ferreira Gullar)
- (D) “Meu amigo, vamos cantar,/ vamos chorar de mansinho/ e ouvir muita vitrola” (Carlos Drummond de Andrade)

Questão 05

“Os aliados não querem romper o namoro com FHC – querem é namorar mais.”

(Veja, 18/08/1999)

A comparação entre as palavras sublinhadas acima demonstra que o significado geral de “expressar ação” não é suficiente para identificar o verbo como classe gramatical, já que *namoro* consta do dicionário como “ato de namorar”.

Para diferenciar o verbo do substantivo, por exemplo, seria necessário considerar, além do sentido de ação, a seguinte característica que só os verbos possuem:

- (A) terminação em **r**
- (B) flexão de tempo, modo e pessoa
- (C) presença indispensável à frase
- (D) anteposição de um substantivo

Questão 06

“A Internet é o portal da nova era, mas apenas 3% da população brasileira têm hoje acesso à rede.”

(O Globo, 09/07/2000)

Analisando o emprego do conectivo **mas** na construção acima, é possível concluir que, além de ligar duas partes da frase, ele desempenha a seguinte função:

- (A) reafirmar o significado da primeira parte
- (B) permitir a compreensão interna das duas partes
- (C) desfazer a ambigüidade de sentido da primeira parte
- (D) evidenciar uma relação de sentido entre as duas partes

Com base nos textos abaixo, responda às questões de números **07** a **10**.

CARTAS DE LEITORES

“Já conhecemos nossos governantes e políticos, suas índoles, seus defeitos, suas capacidades limitadas para soluções e amplas para confusões. Só não conhecíamos ainda nossos manifestantes, se é que assim se pode dizer. Nada justifica a agressão física, seja qual for a manifestação, seja quem for o agredido ou o agressor. Nada justificará, jamais, a agressão sofrida pelo governador Mário Covas, por mais digna que fosse a manifestação. O que causa espanto é que se tratava de uma manifestação de professores. É esse o papel de um educador?”

(ÁVILA, Marcelo Maciel. O Globo, 03/06/2000.)

“O país está chocado com as agressões que os representantes do povo estão sofrendo. As autoridades e a imprensa nacional têm-se manifestado severamente contra esses atos. Primeiro foi uma paulada no governador de São Paulo, depois um ovo no ministro da Saúde e, em 1º de junho, outro ataque ao governador Mário Covas. O vice-presidente da República disse que o governador merece respeito. Concordo. Mas os demais cidadãos brasileiros não merecem? O ministro da Justiça cobrou punição judicial para os agressores, afirmando que a última manifestação transpusera os limites do tolerável. E a situação de extrema violência que nós, cariocas, estamos vivendo? Quando o ministro vai achar que foram transpostos os limites do tolerável?”

(SILVA, Arthur Costa da. O Globo, 03/06/2000.)

Questão 07

As duas cartas acima são de leitores expressando suas opiniões sobre o episódio de agressão ao governador de São Paulo em manifestação de professores em greve. O veículo de publicação das cartas – o jornal – impõe um limite de espaço para os textos.

Em função desse limite de espaço, os dois textos apresentam como traço comum:

- (A) combate a pontos de vista de outros leitores
- (B) construção de comprovações por meio de silogismos
- (C) expressão de opinião sem fundamentos desenvolvidos
- (D) escolha de assunto segundo o interesse do editor do jornal

Questão 08

Em geral, esse tipo de carta no jornal busca convencer os leitores de um dado ponto de vista. Por causa dessa intenção, é possível verificar que ambas as cartas transcritas se caracterizam por:

- (A) finalizar com perguntas retóricas para expressar sua argumentação
- (B) iniciar com considerações gerais para contestar opiniões muito difundidas
- (C) utilizar orações de estruturação negativa para defender a posição de outros
- (D) empregar estruturas de repetição para reforçar idéias centrais da argumentação

Questão 09

O fragmento que expõe a tese de cada uma das cartas, respectivamente, pode ser identificado em:

- (A) “Já conhecemos nossos governantes” / “Quando o ministro vai achar que foram transpostos os limites do tolerável?”
- (B) “Só não conhecíamos ainda nossos manifestantes” / “a última manifestação transpusera os limites do tolerável”
- (C) “Nada justifica a agressão física” / “Mas os demais cidadãos brasileiros não merecem?”
- (D) “É esse o papel de um educador?” / “Primeiro foi uma paulada no governador de São Paulo”

Questão 10

Pela leitura da carta de Arthur Costa da Silva, é possível afirmar que as perguntas nela presentes têm o seguinte significado:

- (A) questionar as atitudes dos políticos brasileiros
- (B) apontar falhas no discurso de autoridades brasileiras
- (C) propor uma reflexão acerca da atitude dos agressores
- (D) mostrar solidariedade ao comportamento dos manifestantes

Com base no texto abaixo, responda às questões de números **11** a **14**.

A PÁTRIA

“Desde dezoito anos que o tal patriotismo lhe absorvia e por ele fizera a tolice de estudar inutilidades. Que lhe importavam os rios? Eram grandes? Pois que fossem... Em que lhe contribuiria para a felicidade saber o nome dos heróis do Brasil? Em nada... O importante é que ele tivesse sido feliz. Foi? Não. Lembrou-se das suas cousas de tupi, do *folklore*, das suas tentativas agrícolas... Restava disso tudo em sua alma uma satisfação? Nenhuma! Nenhuma!

O tupi encontrou a incredulidade geral, o riso, a mofa, o escárnio; e levou-o à loucura. Uma decepção. E a agricultura? Nada. As terras não eram ferazes e ela não era fácil como diziam os livros. Outra decepção. E, quando o seu patriotismo se fizera combatente, o que achara? Decepções. Onde estava a doçura de nossa gente? Pois ele não a viu combater como feras? Pois não a via matar prisioneiros, inúmeros? Outra decepção. A sua vida era uma decepção, uma série, melhor, um encadeamento de decepções.

A pátria que quisera ter era um mito; era um fantasma criado por ele no silêncio do seu gabinete. Nem a física, nem a moral, nem a intelectual, nem a política que julgava existir, havia. A que existia de fato, era a do Tenente Antonino, a do doutor Campos, a do homem do Itamarati.

E, bem pensando, mesmo na sua pureza, o que vinha a ser a Pátria? Não teria levado toda a sua vida norteador por uma ilusão, por uma idéia a menos, sem base, sem apoio, por um Deus ou uma Deusa cujo império se esvaía? Não sabia que essa idéia nascera da amplificação da credence dos povos greco-romanos de que os ancestrais mortos continuariam a viver como sombras e era preciso alimentá-las para que eles não perseguissem os descendentes? Lembrou-se do seu Fustel de Coulanges... Lembrou-se de que essa noção nada é para os Menenanã, para tantas pessoas... Pareceu-lhe que essa idéia como que fora explorada pelos conquistadores por instantes sabedores das nossas subserviências psicológicas, no intuito de servir às suas próprias ambições...

Reviu a história; viu as mutilações, os acréscimos em todos os países históricos e perguntou de si para si: como um homem que vivesse quatro séculos, sendo francês, inglês, italiano, alemão, podia sentir a Pátria?

Uma hora, para o francês, o Franco-Condado era terra dos seus avós, outra não era; num dado momento, a Alsácia não era, depois era e afinal não vinha a ser.

Nós mesmos não tivemos a Cisplatina e não a perdemos; e, porventura, sentimos que haja lá manes dos nossos avós e por isso sofremos qualquer mágoa?

Certamente era uma noção sem consistência racional e precisava ser revista.”

(BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Brasiliense, 1986.)

Questão 11

O personagem Policarpo Quaresma, no trecho acima, se encontra preso, prestes a ser executado pelo exército de Floriano Peixoto, por ter escrito uma carta ao presidente protestando contra o assassinato de prisioneiros. Antes de ser executado, ele reflete sobre a noção de pátria.

Nos dois primeiros parágrafos, ele parte de suas próprias experiências, o que configura o seguinte método de raciocínio:

- (A) indutivo, pensando do particular para o geral
- (B) dedutivo, pensando do abstrato para o concreto
- (C) dialético, pensando a partir das suas contradições
- (D) sofismático, pensando do geral para o particular

Questão 12

Reviu a história; viu as mutilações, os acréscimos em todos os países históricos e perguntou de si para si: como um homem que vivesse quatro séculos, sendo francês, inglês, italiano, alemão, podia sentir a Pátria?

A pergunta de Policarpo refere-se a determinado território na Europa que de fato mudou quatro vezes de nacionalidade em quatro séculos.

A pergunta permite subentender a seguinte afirmação:

- (A) Se a Pátria pode mudar de lugar, então um homem que seguisse o seu percurso histórico se sentiria eterno imigrante.
- (B) Se a Pátria é uma noção histórica, então um homem que acompanhasse as mudanças se perceberia mais humano do que patriota.
- (C) Se a Pátria pode abrigar línguas diferentes, então um homem que nela vivesse teria um sentimento muito mais forte de patriotismo.
- (D) Se a Pátria pode mudar de tamanho, então um homem que crescesse com ela veria o seu sentimento patriótico alterar-se na mesma proporção.

Questão 13

Que lhe importavam os rios? Eram grandes? Pois que fossem...

Com essas frases, Policarpo Quaresma critica o sofisma que liga o tamanho dos rios brasileiros à grandeza moral da pátria brasileira.

Esse tipo de sofisma ocorre quando se estabelece uma relação arbitrária entre dois elementos independentes que são apresentados como:

- (A) efeito e causa
- (B) opinião e citação
- (C) generalização e fatos
- (D) interrogação e resposta

Questão 14

Certamente era uma noção sem consistência racional e precisava ser revista.

A frase final constitui uma conclusão preparada, ao longo do texto, por idéias que se contrapõem a uma noção de pátria que o personagem-narrador indica ter cultivado durante a sua vida.

Um argumento que conduz à conclusão da falta de consistência racional da noção de pátria é:

- (A) “O importante é que ele tivesse sido feliz. Foi? Não.”
- (B) “As terras não eram ferazes e ela não era fácil como diziam os livros.”
- (C) “A pátria que quisera ter era um mito; era um fantasma criado por ele no silêncio do seu gabinete.”
- (D) “Lembrou-se de que essa noção nada é para os Menenanã, para tantas pessoas...”

Com base no texto abaixo, responda às questões de números **15** a **17**.

PALAVRAS

“Veio me dizer que eu desestruturo a linguagem. Eu desestruturo a linguagem? Vejamos: eu estou bem sentado num lugar. Vem uma palavra e tira o lugar de debaixo de mim. Tira o lugar em que eu estava sentado. Eu não fazia nada para que a palavra me desalojasse daquele lugar. E eu nem atrapalhava a passagem de ninguém. Ao retirar de debaixo de mim o lugar, eu desaprumei. Ali só havia um grilo com a sua flauta de couro. O grilo feridava o silêncio. Os moradores do lugar se queixavam do grilo. Veio uma palavra e retirou o grilo da flauta. Agora eu pergunto: quem desestruturou a linguagem? Fui eu ou foram as palavras? E o lugar que retiraram de debaixo de mim? Não era para terem retirado a mim do lugar? Foram as palavras pois que desestruturaram a linguagem. E não eu.”

(BARROS, Manoel de. *Ensaio fotográfico*. Rio de Janeiro: Record, 2000.)

Questão 15

O poema, em prosa poética, de Manoel de Barros, questiona a idéia de que a língua seja controlada pelos falantes – a língua, em alguns momentos, é que nos controlaria.

Para fazer esse questionamento, utiliza-se do seguinte processo de construção:

- (A) discute teorias e conceitos lingüísticos, como se polemizasse
- (B) religa os versos a sentenças interrogativas, como se dialogasse
- (C) concretiza idéias com elementos da natureza, como se refletisse
- (D) constrói hipérboles sobre o lugar do poeta, como se monologasse

Questão 16

O prefixo *des* aparece seis vezes no poema: “desestruturo”, “desestruturo”, “desalojasse”, “desaprumei”, “desestruturou”, “desestruturaram”. Reforça-se, assim, a noção de que a poesia mais desestabiliza significados cristalizados e cria novos do que comunica alguma mensagem do poeta para o leitor.

A frase de Manoel de Barros que melhor exemplifica essa desestabilização é:

- (A) “E eu nem atrapalhava a passagem de ninguém.”
- (B) “O grilo feridava o silêncio.”
- (C) “Fui eu ou foram as palavras?”
- (D) “Não era para terem retirado a mim do lugar?”

Questão 17

As gramáticas em geral registram duas ocorrências que deixam o sujeito indeterminado: frases como “Falaram mal de você”, em que o verbo aparece na terceira pessoa do plural e não há sujeito reconhecível, e frases como “Precisa-se de servente”, em que o pronome “se”, na terceira pessoa do singular, indetermina o sujeito.

O poema de Manoel de Barros, no entanto, cria uma outra ocorrência de sujeito indeterminado, que aparece no seguinte trecho:

- (A) “Veio me dizer que eu desestruturo a linguagem”
- (B) “Vejam: eu estou bem sentado num lugar”
- (C) “Ali só havia um grilo com sua flauta de couro”
- (D) “E o lugar que retiraram de debaixo de mim?”

Com base no texto abaixo, responda às questões de números **18 a 21**.

RIOS SEM DISCURSO

**Quando um rio corta, corta-se de vez
o discurso-rio de água que ele fazia;
cortado, a água se quebra em pedaços,
em poços de água, em água paralítica.
Em situação de poço, a água equivale
a uma palavra em situação dicionária:
isolada, estanque no poço dela mesma,
e porque assim estanque, estancada;
e mais: porque assim estancada, muda,
e muda porque com nenhuma comunica,
porque cortou-se a sintaxe desse rio,
o fio de água por que ele discorria.**

**O curso de um rio, seu discurso-rio,
chega raramente a se reatar de vez;
um rio precisa de muito fio de água
para refazer o fio antigo que o fez.
Salvo a grandiloquência de uma cheia
lhe impondo interina outra linguagem,
um rio precisa de muita água em fios
para que todos os poços se enfrasem:
se reatando, de um para outro poço,
em frases curtas, então frase e frase,
até a sentença-rio do discurso único
em que se tem voz a seca ele combate.**

(NETO, João Cabral de Melo. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.)

Questão 18

Em situação de poço, a água equivale a uma palavra em situação dicionária:

Se, no poema, *poço* equivale a “dicionário”, *rio* equivale ao seguinte elemento lingüístico:

- (A) texto
- (B) verso
- (C) regência
- (D) vocabulário

Questão 19

A conclusão do poema completa o título: os rios sem discurso são rios secos.

Isso significa dizer que a seca dos rios tem relação direta com discursos que apresentam os atributos a seguir:

- (A) vazios e monótonos
- (B) áridos e combativos
- (C) fragmentados e estéreis
- (D) grandiloqüentes e verborrágicos

Questão 20

Na qualificação progressiva da palavra *água*, feita pela primeira estrofe, dá-se a alteração de *estanque* para *estancada*.

Essa alteração expressa uma nova noção a partir do seguinte recurso gramatical:

- (A) flexão de gênero
- (B) emprego de estrutura passiva
- (C) complemento do nome “palavra”
- (D) correção da concordância nominal

Questão 21

O título - *Rios sem discurso* - já apresenta um tipo de metáfora, predominante no texto, que marca um estilo de construção poética.

Esse tipo de metáfora está corretamente descrito em:

- (A) compara movimentos da água, nos rios, à contestação da seca
- (B) opõe aspectos naturais, incontrolláveis, à produção do discurso
- (C) associa elementos concretos, visuais, a fenômenos da linguagem
- (D) aproxima a fragmentação da palavra, estanque, do curso de um rio

Com base no texto abaixo, responda às questões de números **22** a **24**.

(...)Não resguardei os apontamentos obtidos em largos dias e meses de observação: num momento de aperto fui obrigado a atirá-los na água. Certamente me irão fazer falta, mas terá sido uma perda irreparável? Quase me inclino a supor que foi bom privar-me desse material. Se ele existisse, ver-me-ia propenso a consultá-lo a cada instante, mortificar-me-ia por dizer com rigor a hora exata de uma partida, quantas demoradas tristezas se aqueciam ao sol pálido, em manhã de bruma, a cor das folhas que tombavam das árvores, num pátio branco, a forma dos montes verdes, tintos de luz, frases autênticas, gestos, gritos, gemidos. Mas que significa isso? Essas coisas verdadeiras podem não ser verossímeis. E se esmoreceram, deixá-las no esquecimento: valiam pouco, pelo menos imagino que valiam pouco. Outras, porém, conservaram-se, cresceram, associaram-se, e é inevitável mencioná-las. Afirmarei que sejam absolutamente exatas? Leviandade. (...)Nesta reconstituição de fatos velhos, neste esmiuçamento, exponho o que notei, o que julgo ter notado. Outros devem possuir lembranças diversas. Não as contesto, mas espero que não recusem as minhas: conjugam-se, completam-se e me dão hoje impressão de realidade. (...)

(RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*. Rio, São Paulo: Record, 1984.)

Questão 22

O fragmento transcrito expressa uma reflexão do autor-narrador quanto à escrita de seu livro contando a experiência que viveu como preso político, durante o Estado Novo.

No que diz respeito às relações entre escrita literária e realidade, é possível depreender, da leitura do texto, a seguinte característica da literatura:

- (A) revela ao leitor vivências humanas concretas e reais
- (B) representa uma conscientização do artista sobre a realidade
- (C) dispensa elementos da realidade social exterior à arte literária
- (D) constitui uma interpretação de dados da realidade conhecida

Questão 23

Por causa da perda das anotações, relatada pelo narrador, o texto é impregnado de dúvidas acerca da exatidão do que será levantado no livro.

O trecho que melhor representa um exemplo dessas dúvidas é:

- (A) “Quase me inclino a supor que foi bom privar-me desse material”
- (B) “Outras, porém, conservaram-se, cresceram, associaram-se, e é inevitável mencioná-las”
- (C) “neste esmiuçamento, exponho o que notei, o que julgo ter notado”
- (D) “Não as contesto, mas espero que não recusem as minhas”

Questão 24

A relação entre autor e narrador pode assumir feições diversas na literatura. Pode-se dizer que tal relação tem papel fundamental na caracterização de textos que, a exemplo do livro de Graciliano Ramos, constituem uma autobiografia – gênero literário definido como relato da vida de um indivíduo feito por ele mesmo.

A partir dessa definição, é possível afirmar que o caráter autobiográfico de uma obra é reconhecido pelo leitor em virtude de:

- (A) conteúdo verídico das experiências pessoais e coletivas relatadas
- (B) identidade de nome entre autor, narrador e personagem principal
- (C) possibilidade de comprovação histórica de contextos e fatos narrados
- (D) notoriedade do autor e de sua história junto ao público e à sociedade

Com base no texto abaixo, responda às questões de números 25 a 27.

EL LIBRO DE PAPEL VS. EL LIBRO DIGITAL: UN DEBATE CON TODAS LAS LETRAS

por Julián Gallo, editor de Clarín Digital

(...) “Manchas de tinta sobre árboles muertos”, así llaman a los libros de papel, a los diarios y a las revistas los defensores de los soportes electrónicos. Por otro lado, hay una legión de personas que le atribuye al libro de papel capacidades insustituibles como instrumentos de distribución de cultura y conocimiento, y en su defensa no se avergüenzan en sostener argumentos francamente fetichistas, como el del placer de tocar la cubierta de un buen libro o el agradable olor de sus páginas. Hoy, los libros de papel hacen algunas cosas mejor que su competidor. Son bastante baratos, son transportables y livianos, no necesitan de fuentes de energía, tienen el mejor índice de contraste posible para la lectura, tienen alta definición para las imágenes, todo el catálogo de títulos se encuentra publicado en este formato (...), se puede escribir en sus bordes, redactar en ellos cálidas dedicatorias en letra cursiva y regalarlos. Un libro de papel, hoy, puede ser algo tan elemental como una novela de bolsillo en oferta (a poco más de un peso), o una edición extraordinaria, como el flamante libro del fotógrafo Helmut Newton, que cuesta en Argentina dos mil pesos. Los libros de papel tienen más de 500 años de existencia entre nosotros, desde que Johannes Gutenberg imprimió por primera vez *La Biblia* en 1455. Eso los convierte en objetos aparentemente indispensables para nuestra cultura (hasta ahora). Mientras tanto, los libros electrónicos parecen una curiosidad. Para leer un libro electrónico hoy disponemos de las computadoras de escritorio o portátiles y de artefactos como el “Rocket ebook” (una pequeña pantalla portátil de unos veinte centímetros de alto, en blanco y negro, que cuesta doscientos dólares en EE.UU.). Son dos formas muy precarias para leer textos de más

de dos carillas de extensión y especialmente arduos para los textos de ficción. Pero la industria tecnológica promete grandes soluciones para la exhibición adecuada de textos: desde el papel electrónico (largamente anunciado y todavía nunca visto fuera de los centros de investigación) hasta el desarrollo de software especializado en la representación clara de caracteres (Clear Type display technology) como el “Microsoft Reader”. Por un camino o por otro, los textos llegarán a ser tan eficazmente exhibidos en forma electrónica como en papel, y ese día la polémica terminará. Porque estas tecnologías permitirán distribuir toda clase de información, entre ella textos, y los argumentos que defienden al papel se debilitarán inexorablemente. En este libro electrónico futuro cabrán todos los libros, toda la literatura, todas las cartas, todos los diarios, todas las revistas, todos los informes, todos los mapas, todas las reproducciones de cuadros, toda la música, todas las películas, todas las fotografías. A un costo bajísimo, las personas dispondrán de bibliotecas inmensas de acceso instantáneo, varias veces superior a su capacidad de lectura. Los libros de papel quedarán relegados a ediciones donde la impresión gráfica tenga una relevancia similar al contenido. No falta tanto para que esto pase. Las versiones comerciales de papel electrónico se anuncian como de inminente aparición y sus aplicaciones superan a la edición de libros y alcanzan envases, carteles y ropa (ver www.electronic-ink.com). Y según la línea de tiempo presentada por Microsoft, para el año 2008 la venta de libros electrónicos superará a la de los libros de papel. En 20, en 30, en 40 años o en algún momento dentro de este siglo, los libros de papel comenzarán a ser melancólicos objetos del pasado.

(VIVA, La revista de Clarín, 4 de junio de 2000)

Questão 25

Según el texto, la competencia entre libro impreso y libro digital se encamina hacia:

- (A) finalización favorable al digital, aunque en un futuro no muy lejano
- (B) situación de equilibrio entre los dos, según las preferencias personales
- (C) manutención del poder del impreso, incluso entre los lectores virtuales
- (D) creación de nuevos soportes para ambos, a partir del papel electrónico

Questão 26

Se puede identificar la manifestación de una clara posición del que enuncia, respecto al debate, en el siguiente fragmento:

- (A) "Manchas de tinta sobre árboles muertos" (l. 1)
- (B) "Eso los convierte en objetos aparentemente indispensables para nuestra cultura (hasta ahora)" (l. 30 - 32)
- (C) "Para leer un libro electrónico hoy disponemos de las computadoras de escritorio o portátiles" (l. 33 - 35)
- (D) "Las versiones comerciales de papel electrónico se anuncian como de inminente aparición" (l. 70 - 71)

Questão 27

El fragmento del texto que presenta una idea de contraargumentación está indicado en:

- (A) "Por otro lado, hay una legión de personas" (l. 4 - 5)
- (B) "Pero la industria tecnológica promete" (l. 42 - 43)
- (C) "Por un camino o por otro, los textos llegarán" (l. 50 - 51)
- (D) "Porque estas tecnologías permitirán distribuir" (l. 54)

Questão 28

(QUINO. *Mafalda*. Buenos Aires: Ediciones de La Flor, 1988.)

Por la escena presentada en la última viñeta, se puede deducir que Mafalda tira su diccionario a la basura porque:

- (A) duda del sentido atribuido a la palabra
- (B) se opone a lo dicho por su amigo
- (C) no logra razones contra la sopa
- (D) quiere sorprender a su madre

Com base no texto abaixo, responda às questões de números 25 a 27.

CIRCULATION. Dans les grandes villes, et surtout à Paris, la bicyclette tarde à s'imposer comme un véritable moyen de transport quotidien. La Fête du vélo, aujourd'hui et demain dans toute la France, tente de lui donner un nouveau souffle.

LE VÉLO A DU MAL À TROUVER SON RYTHME

Il y a cinq ans, les défenseurs de la bicyclette appelaient les Français à “sortir leur vélo”. Aujourd'hui, le mot d'ordre a changé: “place au
 05 vélo” clament les associations, soucieuses du sort et de la place accordés aux cyclistes en ville. Leur objectif: gagner de l'espace sur la voiture et inciter la population à pédaler en masse. C'est d'ailleurs l'un des objectifs de la Fête du vélo
 10 célébrée ce week-end dans toute la France. Une fête qui intervient quelques jours après l'annonce officielle à Paris de l'ouverture de 80 kilomètres de couloirs de bus aux cyclistes. Preuve que le vélo gagne petit à petit de l'espace
 15 sur la voiture? Pas si sûr. Selon des comptages effectués régulièrement par la mairie de Paris sur une trentaine de points de passage dans la capitale, une moyenne de 1500 cyclistes circulent en semaine aux heures de pointe du
 20 soir (entre 17h30 et 18h30). C'est peu. Même si, entre janvier 1997 et avril 2000, la mairie a enregistré une augmentation de 47% du nombre de cyclistes comptabilisés sur ces points de passage. “Il y a eu une évolution du discours
 25 des hommes politiques sur la place du vélo dans la ville, reconnaît Eric Marchandise, porte-parole de l'association Réseau vert, mais on constate qu'il y a eu peu de changements. Même à Paris, qui bénéficie d'un plan vélo depuis 1996,
 30 certains arrondissements n'ont pas un seul aménagement cyclable. Quand il s'agit de réduire la place de la voiture, les élus sont toujours très timides.” Du coup, le réel décollage du vélo en ville a du mal à se faire.

35 UNE SUCCESSION D'OBSTACLES NON FRANCHISSABLES

D'abord à cause des problèmes de stationnement. “Dans de nombreux immeubles, on ne peut pas
 laisser son vélo dans la cour, regrette Laurent
 40 Lopez, vice-président du Mouvement de défense la bicyclette. On ne va pas tous les jours descendre à la cave pour sortir son vélo. Sans compter les problèmes de stationnement dans les entreprises ou les lycées.” Mais les
 45 associations pointent surtout des problèmes de liaison Paris-banlieue ou banlieue-banlieue. “Prenez le quartier de La Défense: c'est une vraie île inaccessible en vélo, poursuit Laurent Lopez. Quant à Paris, même si le lancement
 50 du plan vélo a été significatif, il faut encore développer les aménagements cyclables”. Pour Isabelle Lesens, consultante indépendante spécialiste du vélo, “la bicyclette reste un grand
 rêve mais, concrètement, elle n'a pas vraiment
 55 droit de cité. En région parisienne, le cycliste est confronté à une succession d'obstacles, de rocade non franchissables, d'interruptions dans les itinéraires cyclables comme sur la
 coulée verte à l'ouest de Paris. Les gens rêvent
 60 de faire des promenades de vingt kilomètres en partant du pas de leur porte, mais c'est impossible actuellement.” A moins bien sûr de s'échapper à une dizaine de kilomètres de la capitale en emportant les vélos ... à l'arrière de la voiture.

(MOUCHON, Frédéric. 3 juin 2000.)

<http://www.leparisien.fr/jdj/Sat/VIE/>



Le Parisien

Questão 25

Actuellement l'obstacle le plus grand pour que le vélo s'impose comme option de moyen de transport à Paris c'est:

- (A) les distances urbaines trop longues
- (B) le manque d'aménagements cyclables
- (C) le danger aux heures de pointe du soir
- (D) l'indifférence manifestée par la population

Questão 26

La nouvelle la plus encourageante communiquée aux cyclistes parisiens est indiquée dans l'alternative ci-dessous:

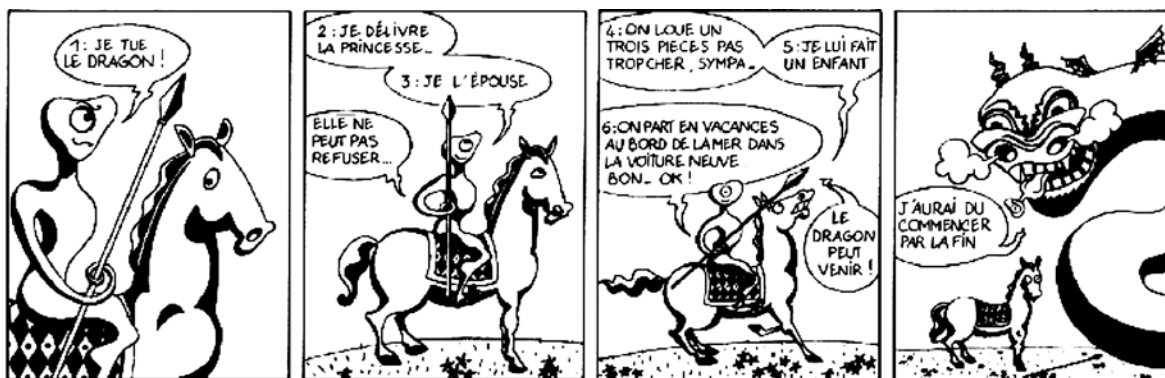
- (A) la réalisation de la Fête du vélo
- (B) l'augmentation du nombre de cyclistes
- (C) le changement dans le discours politique
- (D) la circulation autorisée dans les couloirs de bus

Questão 27

L'extrait du texte qui présente un exemple exprimant un rapport de conséquence c'est:

- (A) "C'est d'ailleurs l'un des objectifs de la Fête du vélo" (l. 8 - 9)
- (B) "Même à Paris (...) certains arrondissements n'ont pas un seul aménagement cyclable" (l. 28 - 31)
- (C) "Du coup, le réel décollage du vélo en ville a du mal à se faire" (l. 33 - 34)
- (D) "A moins bien sûr de s'échapper à une dizaine de kilomètres de la capitale en emportant les vélos" (l. 62 - 64)

Questão 28



(FONTAINE, Sylvie)

http://www.pipo.com/du9/du9/expo/sylvie/expo_sylvieS4.htm

La bande dessinée utilise l'écriture et l'image pour construire un texte.

Dans la dernière vignette, l'image a la fonction suivante:

- (A) orner le texte écrit
- (B) accomplir le projet exposé
- (C) éclaircir la phrase du chevalier
- (D) présenter un personnage secondaire

Com base no texto abaixo, responda às questões de números 25 a 27.

STORIED LIBRARY OF ALEXANDRIA TO RE-OPEN AFTER 1,400 YEARS

In the days when 500,000 papyrus scrolls could store the entire sum of human knowledge, the Egyptian city of Alexandria - at the crossroads of Europe, Asia and Africa - was a natural site for the world's greatest library.

It was here, under the Ptolemies, that man first calculated the circumference of the earth and discovered the power of steam, only to abandon it because energy from slaves was so much cheaper. But when the Great Library was destroyed, 1,400 or more years ago, hundreds of works of philosophy, science and literature were lost, knowledge which it took the world centuries to rediscover.

But later this year the Library of Alexandria will open for business once again - this time in a spectacular £120m (U.S. 180 million) building, with the world's most advanced cataloguing system, computerised book transport, CD-roms, microfilms, internet connections and a fire prevention system to ensure it doesn't suffer the same fate as its predecessor.

The new library's roof is a tilted disc, 160m in diameter, dipping below ground level and said to symbolise the rising sun. Its circular granite-clad wall is carved with letters from almost every known alphabet. The vast reading room, with 2,000 seats, rises through seven terraces.

Though it is billed as "a unique research institution, a haven for scholars worldwide", the library has scarcely any money for books. Despite having the capacity to store 8m volumes, there will only be 400,000 when it opens. It's a familiar problem - and one that the ancient Egyptians solved ingeniously:

according to legend, they raided passing ships and forced them to hand over any scrolls on board for copying.

The modern Egyptians do the same, more politely. They ask visiting businessmen and dignitaries if they happen to have any spare books. Scholars and librarians shudder at the prospect. "We have trenchantly argued that this is the wrong approach," says David Wardrop, secretary of the UK Friends of the Alexandria Library. "But the Egyptians say there's room for 8m books, so why worry."

Short of trying to collect every book in existence, as the ancient library did, experts say that Alexandria's best hope of becoming a world-class library is to develop an acquisition strategy with areas of speciality. Acquisitions that fit the strategy include copies of Spain's Escorial collection of Arab scholarship of the 10th-14th centuries and of Turkey's Ottoman empire documents.

Up to now, the entire project has been run by Dr Mohsen Zahran, an architect, with plenty of input from Suzanne Mubarak, the wife of the Egyptian president. Recruiting a top-calibre librarian would mean paying an international salary (£80,000 or more) which the Egyptians claim they cannot afford without risking a strike by librarians in the rest of the country. This may be a ploy to persuade foreign donors to stump up the money, but privately sources say that the Egyptians don't want a librarian running the show and that they already have a political figure in mind for the top job.

- by The Guardian Unlimited
(National Geographic online, July 2000)

http://www.ngnews.com/news/2000/06/06272000/library_2803.asp

Questão 25

The text depicts the new library of Alexandria as an extraordinary architectural landmark. The author, however, draws attention to problems characterized as:

- (A) financial and political
- (B) scholarly and nationalistic
- (C) geographical and historical
- (D) environmental and occupational

Questão 26

According to the text, there is a curious parallel between ancient and modern Egyptians with regard to procedures for the compilation of reading material.

The excerpt containing the description of a practice of the past is:

- (A) "they raided passing ships and forced them to hand over any scrolls" (l. 39 - 41)
- (B) "They ask visiting businessmen and dignitaries (...) any spare books" (l. 43- 45)
- (C) "Acquisitions that fit the strategy include copies of Spain's Escorial collection" (l. 56 - 57)
- (D) "sources say that the Egyptians don't want a librarian running the show" (l. 70 - 72)

Questão 27

A single conjunction may express multiple meanings.

In *Short of trying to collect every book in existence, as the ancient library did...*, the word **as** conveys the idea of:

- (A) cause
- (B) comparison
- (C) simultaneity
- (D) contradiction

Questão 28



(GUISEWITE, Cathy)

<http://www.uexpress.com/usp/comics/ca/pages/ca000518.html>

The comic strip offers food for thought about the way men feel and behave.

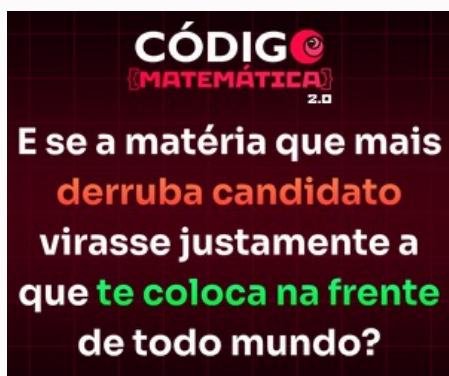
In Electra's view, Cathy's attitude reflects:

- (A) absence of true affection and desires
- (B) carelessness toward pets and loved ones
- (C) inconsistency between words and actions
- (D) deceitfulness in relation to intentions and virtues

Cursos que Indicamos

Conheça os cursos e dê o próximo passo na sua preparação.

Clique na imagem ou no botão para acessar.



Código Matemática 2.0

Conhecer o curso



Curso Preparatório ENEM

Conhecer o curso



Curso Preparatório Redação ENEM

Conhecer o curso

